

10 de outubro de 2016

- Especialistas alertam que faltam verbas para pesquisa aeroespacial no Brasil*
- Japão planeja ter alas não tripulados para seu caça F-3
- Cyber, Electronic Warfare Integration Critical for Future Army Ops*
- Contingente Brasileiro presta apoio às vítimas do Furacão Matthew no Haiti*
- Fuzileiros Navais auxiliam haitianos durante e após passagem do furacão Matthew*
- Finlândia reforça cooperação na área de defesa com EUA*

Especialistas alertam que faltam verbas para pesquisa aeroespacial no Brasil*

Prejudicada pela falta de investimentos públicos, a indústria aeroespacial brasileira precisa de mais participação do setor privado em pesquisa e desenvolvimento,

afirmaram nesta sexta-feira (7) os participantes de audiência pública da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT). O debate foi realizado no Parque Tecnológico de São José dos Campos (SP).

O diretor científico da Fundação de Pesquisa de São Paulo (Fapesp), Carlos Henrique Cruz, afirmou que o governo investe 0,6% do PIB em ciência e tecnologia — proporção semelhante à dos padrões internacionais — enquanto as empresas só investem 0,5% da riqueza que geram. Cruz sublinhou que, em países como Estados Unidos e Canadá, o setor privado investe o dobro disso. Para o diretor da Fapesp, o desafio do Brasil é aumentar o número de pesquisadores trabalhando nas empresas, competir no cenário mundial e elevar o número de patentes.

Porém, a fabricante de aviões Embraer, sediada em São José dos Campos, pediu ajuda do governo para o desenvolvimento de produtos mais competitivos. Os executivos da empresa afirmaram que a Embraer já investe 10% de seu faturamento em pesquisa, e suas concorrentes no mundo contam com incentivos estatais.

Representantes da Força Aérea Brasileira (FAB) acrescentaram críticas à falta de verba e à carência de mão de obra para desenvolver a indústria espacial. Mas o pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Leonel Perondi, declarou que o Brasil tem o sexto maior programa espacial do mundo e, com reforço nos investimentos, tem condições de buscar uma melhor posição.

Supercomputador

No encontro com a comitiva de senadores da CCT, representantes do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) pediram dinheiro do Orçamento federal para a compra de um novo supercomputador, no valor de R\$ 100 milhões. O equipamento atualmente em uso é de 2010 e já está obsoleto. Sem esse supercomputador — argumentam os

pesquisadores — o país pode ficar sem serviços essenciais do instituto, como a previsão do tempo.

O presidente da CCT, senador Lasier Martins (PDT-RS), se disse convicto de que os recursos para o supercomputador são mesmo necessários e que tentará convencer os colegas a destinar emendas parlamentares para adquiri-lo. O prazo para apresentação das emendas na CCT termina em 20 de outubro.

Ele também expressou preocupação com a PEC que congela gastos públicos (PEC 241/2016), a tramitar na Câmara, e criticou os cortes de recursos dos fundos de ciência e tecnologia.

Ciclo

O evento faz parte de ciclo destinado a avaliar como as atividades de pesquisa e inovação podem criar condições favoráveis ao desenvolvimento regional. O primeiro debate foi realizado em Porto Alegre, em 1º de julho. Na programação, estão previstos eventos nos municípios do Rio de Janeiro (RJ), Belém (PA) e Campina Grande (PB).

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 10 de outubro

Link: <http://www.defesanet.com.br/embraer/noticia/23747/Especialistas-alertam-que-faltam-verbas-para-pesquisa-aeroespacial-no-Brasil/>

Japão planeja ter alas não tripulados para seu caça F-3

Por Alexandre Galante

A Agência de Aquisição, Tecnologia e de Logística (ATLA) do Japão planeja desenvolver alas não tripulados para seu futuro caça F-3.

A ideia é ter que pequenas aeronaves não tripuladas de alto desempenho que vão voar como ajudantes dos caças tripulados. O piloto do caça F-3 emitirá comandos para os alas e receberá dados de seus sensores.

A primeira versão do caça F-3 está prevista para entrar em serviço por volta de 2030.

O primeiro tipo de ala não tripulado deverá ser uma aeronave dotadas de sensores. O desenho do conceito da ATLA mostra três alas não tripulados voando à frente de um caça com o qual eles têm um “link” de dados. Este é o conceito que deve ser desenvolvido em 15-20 anos.

Um segundo tipo de ala, utilizando a mesma estrutura do primeiro, seria capaz de disparar mísseis e servir como isca contra mísseis inimigos, despistando os mísseis com manobras e contramedidas eletromagnéticas.

O caça F-3 terá alcance muito maior do que os alas não tripulados, por isso estuda-se dotar os drones com capacidade de reabastecimento em voo.

A ATLA em 2011 completou o desenvolvimento de um avião de reconhecimento a jato que pode ser lançado do ar e depois pousar em uma pista. Um F-15J pode transportar dois, cada um pesando 750 kg (1.650 libras).

O drone de reconhecimento não tripulado lançado por um F-15 era um produto da Fuji Heavy Industries, especialista do Japão em aeronaves não tripuladas. A empresa está, presumivelmente, bem posicionada para construir os alas não tripulado também, embora a rival Mitsubishi Heavy Industries seja a especialista nacional em aviões de combate.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 08 de outubro

Link: <http://www.aereo.jor.br/2016/10/08/japao-planeja-ter-alas-nao-tripulados-para-seu-caca-f-3/>

Cyber, Electronic Warfare Integration Critical for Future Army Ops*

The Army has been discussing convergence and integration when it comes to cyberspace, the electromagnetic spectrum and the signal corps, going so far as establishing a new headquarters in the Pentagon to focus on policy, strategy, and requirements for cyber, electromagnetic spectrum and information operations.

The new commander of the Cyber Center of Excellence at Fort Gordon, Maj. Gen. John Morrison, described how he is looking into these three core competencies — cyber, EMS and signal. At the annual Association of the United States Army conference, he mulled over how the Army can integrate capabilities from across cyber, electronic warfare (EW) and signal so that there are end-to-end solutions that are integrated and complementary rather than redundant.

Speaking at a panel discussion at AUSA, Morrison hit on a popular concept emerging across the services called multi-domain battle, which involves synergizing war fighting across all domains — air, land, sea, space and cyber. Morrison noted that cyber is a fairly new domain of war fighting, which has only been an operational domain for the last three years or so, but operations within this domain are inherently joint.

In terms of converging this activity, he said that the Army is well on its way to growing 41 cyber teams to meet the requirements set out by the Pentagon and Cyber Command. “We are the only service at this point that is truly on the glide path to build the combat power we need to,” Morrison asserted.

From the EMS perspective, Morrison offered that the force must start using the electromagnetic spectrum more efficiently and more effectively. The Army can’t just get into one channel, he said, adding the Army must figure out from a technical standpoint how to diversify its signals and maneuver.

“We need to be aware that we are very likely going to fight an adversary that is converging using [cyber and electromagnetic activity] integration, ISR and fires across full-spectrum conflict,” Col Timothy Presby, Training and Doctrine Command capabilities manager of cyber, said in August regarding the need to converge. “So unless we actually work together and converge our capabilities, we will be left short.”

Morrison recognized how future operating environments will not just be contested by adversaries, but he said they will be congested as well, describing how the force is taking a comprehensive look at this. “Everything’s got to be integrated — the network has to be integrated with cyber, which has to be integrated with electronic warfare and all the components within that,” he said.

We can’t have all the one-off capabilities by themselves, he said, as once there is a requisite level of integration, it will change the paradigm of how the Army fights and defends the network.

Part of the reason for the new Army headquarters at the Pentagon, which subsumed the Army’s EW directorate, is better organization from an operational construct.

“I always believe you should organize how you fight, especially if you’re working in [operations],” the new Pentagon’s CEMA directorate head, Brig. Gen. Patricia Frost, told C4ISRNET. “[W]e should be, even at the departmental level, replicating what we are actually trying to employ into our war fighting force. So when we deploy, we are multifunctional teams. ... We would never deploy stovepiped capabilities. That is not how we integrate into decisive action [or] wide-area security operations.”

The force is learning by doing, he continued, leveraging training exercises and rotations such as the Cyber Support to Core and Below. Inserting these capability sets — cyber and EW — into brigade combat units will help the force “get after the CEMA,” or cyber and electromagnetic activity construct, to learn holistically by executing, he said.

Morrison also said the Army is finalizing a unifying document that will cover initial doctrine for integrating cyber and EW capabilities within the brigade, which he hopes will be completed by the end of the year. Following the completion, there will be a deeper dive into the specifics surrounding the CEMA construct.

Fonte: Defense News

Data da publicação: 06 de outubro

Link: <http://www.defensenews.com/articles/cyber-electronic-warfare-integration-critical-for-future-army-ops>

Contingente Brasileiro presta apoio às vítimas do Furacão Matthew no Haiti*

Porto Príncipe (Haiti) – Dando prosseguimento às operações de apoio às vítimas do Furacão Matthew, que atingiu o Haiti no dia 3 de outubro, o Contingente Brasileiro (CONTBRAS) desdobrou, no período de 4 a 7 de outubro, as suas tropas nas regiões mais atingidas pela catástrofe, no sul do País.

Atualmente, mais de 450 militares estão atuando nas cidades de Les Cayes, Jeremie, Port Salut e Camp Perrin, localidades onde os efeitos do furacão foram mais devastadores. Além das atividades de reconhecimento e segurança, as tropas estão atuando no apoio às ações de ajuda humanitária, desobstrução de estradas e escoltas de comboios.

Algumas cidades do País permanecem isoladas. A comunidade internacional vem se mobilizando para prestar apoio por meio de doações diversas, especialmente de gêneros alimentícios e de água. Visando a contribuir com este apoio, integrantes do CONTBRAS vêm trabalhando de forma integrada com militares de outros países no recebimento de material no Aeroporto de Porto Príncipe, capital do Haiti.

Fonte: Exército Brasileiro

Data da publicação: 09 de outubro

Link: http://www.eb.mil.br/web/midia-impressa/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/IZ4bX6gegOtX/content/contingente-brasileiro-presta-apoio-as-vitimas-do-furacao-matthew-no-hai-1?redirect=http%3A%2F%2Fwww.eb.mil.br%2Fweb%2Fmidia-impressa%2Fnoticiario-do-exercito%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_IZ4bX6gegOtX%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-1%26p_p_col_pos%3D2%26p_p_col_count%3D3

Fuzileiros Navais auxiliam haitianos durante e após passagem do furacão Matthew*

O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, que se encontra na missão de estabilização da paz no Haiti, se mobilizou para prestar ajuda humanitária à população haitiana em função da passagem do furacão Matthew pelo país. A tempestade, que chegou no dia 4 de outubro com ventos de aproximadamente 230 quilômetros por hora, afetou com mais intensidade o sul do país. Nas cidades de Les Cayes e Jeremy, o furacão causou inundações, desabamentos e queda de árvores, deixando várias famílias desabrigadas.

Estabelecidos na capital Porto Príncipe, os Fuzileiros Navais participantes da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti receberam a missão de se encaminhar até a região mais atingida. Com sua capacidade expedicionária, a tropa de Fuzileiros Navais, atuando em conjunto com a Companhia de Engenharia do Exército Brasileiro, já chegou às cidades mais afetadas como Petit Goave, onde a ponte que dá acesso ao sul do país foi danificada. Eles trabalham intensamente na ajuda humanitária e no controle da população local.

Fonte: Marinha do Brasil

Data da publicação: 09 de outubro

Link: <https://www.marinha.mil.br/node/2514>

Finlândia reforça cooperação na área de defesa com EUA*

Na semana passada, o ministro da Defesa finlandês, Jussi Niinisto, e o vice-secretário da Defesa norte-americano, Robert Work, assinaram memorando de cooperação bilateral na área da defesa.

O documento tem por objetivo fortalecer relações dos dois países na área da defesa, troca de informações e prontidão para exercícios militares. De acordo com o jornal finlandês Hufvudstadsbladet, além disso, relações serão intensificadas na área de pesquisa, desenvolvimento e operações internacionais.

Na opinião de Niinisto, o interesse dos EUA no norte europeu tem papel positivo somente como um "fator estabilizador".

Vale ressaltar que o memorando de cooperação bilateral foi um passo motivado pelas eleições nos EUA que acontecerão em 8 de novembro. O ministro da Defesa finlandês frisa que o acordo, entre os EUA e a Suécia, assinado anteriormente, tinha conteúdo semelhante. Ambos os países, a Finlândia e a Suécia, consideram o acordo bilateral com os EUA como propulsor de fortalecimento de suas capacidades defensivas para conter eventual "agressão" russa. Apesar das suas políticas de não alinhamento, os dois países contribuem para operações e exercícios militares internacionais.

Segundo o representante do Instituto de Relações Internacionais de Helsinki, Leo Michel, tais acordos não podem substituir integração na Aliança Militar. Ele opina que a Finlândia e a Suécia estão perfeitamente seguras graças à assistência mútua da OTAN.

Tais garantias terão prazo determinado, enquanto permanência da OTAN é ilimitada, informa Michel ao se referir às palavras do vice-secretário-geral da OTAN, Alexander Vershbow, durante sua recente visita a Helsinki. "A crise na região do mar Báltico afetará tanto os países-membros da OTAN como a Finlândia. Por sua vez, a OTAN protegerá seus aliados e parceiros próximos", declarou Vershbow.

Fonte: Sputnik News

Data da publicação: 10 de outubro

Link: <https://br.sputniknews.com/europa/201610106525020-finlandia-eua-acordo/>

* Não mencionado o autor no texto.